

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Rodolfo Dias da Silva
Victor Hugo Borges Martins Silva

MEMÓRIAS DA VÁRZEA:
Causos de um futebol (quase) perdido

Documentário

Mariana
2016

RODOLFO DIAS DA SILVA
VICTOR HUGO BORGES MARTINS SILVA

MEMÓRIAS DA VÁRZEA:
Causos de um futebol (quase) perdido

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Rafael Drumond

Mariana
2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

S586m Silva, Rodolfo Dias da
Memórias da Várzea: causos de um futebol (quase) perdido
[CD-ROM]/ Rodolfo Dias da Silva e Victor Hugo Borges
Martins Silva .-Mariana, MG, 2016.
1 CD-ROM ou DVD (54 min.): fotos; 4 3/4 pol.+ 1 monografia (53

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Futebol - Teses - Mariana (MG). 2. MEM. 3. Memórias
- Teses - Mariana (MG). 4. Monografia. 5. Várzeas
- Teses - Mariana (MG). I. Silva, Victor Hugo Borges
Martins. II. Drumond, Rafael Fonseca. III. Universidade
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3
: (082.1) (81)
: 15
: 1415575

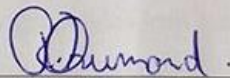
Rodolfo Dias da Silva e Victor Hugo B. M da Silva

Curso de Jornalismo – UFOP

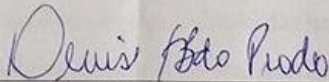
"MEMÓRIAS DA VÁRZEA" [PRODUTO - DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL]

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Rafael Drumond.

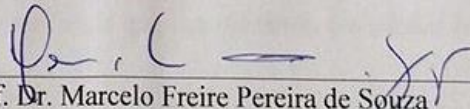
Banca Examinadora:



Prof. Me. Rafael Drumond



Prof. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado



Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza

Mariana, 11 de agosto de 2016.

AGRADECIMENTOS

Eu, Victor Hugo Martins, agradeço meus pais pela força e apoio. Às repúblicas em que eu residi em Mariana, Carpe Diem e Capitu, pela acolhida; aos velhos amigos de Mauá e aos novos amigos feitos em Mariana pelo talento de conseguirem conviver comigo.

Em especial para este TCC, um deles se tornou essencial ajudando-nos em questões técnicas de metodologia e além da cumplicidade durante todo o árduo processo de aprendizado que tivemos nesse trabalho: Matheus Silva Marciano, o Alfinete, deixo a minha singela lembrança e agradecimento.

Ao nosso orientador, que de quase desistir da gente se tornou testemunha do nosso crescimento em todo esse processo. Sua paciência e compreensão foram mais do que necessárias para nós: foram a maior prova de que escolhemos o orientador certo, que sempre nos deu liberdade suficiente, inclusive, para errar e aprender. Artifício imprescindível a qualquer um que queira se tornar bom no que faz. Isso é para poucos, e temos orgulho de ter te escolhido para nos guiar nessa jornada.

A todos os sujeitos desse documentário: Luis, José Carlos, Jair, Adilson Toninho Rocha, Adair, Mário Rocha, Antônio Pessoa, Maria Pessôa, Décio, Juca, Maurílio, Raul, Werley, Vicente dos Santos, Sônia Pimenta, Ubiraci “Bira”, e todas as pessoas direta ou indiretamente envolvidas com o filme. Se eu esqueci de mais alguém, minhas sinceras desculpas.

Eu, Rodolfo Dias, agradeço à minha família: minha mãe Fátima, meu pai Walter, que do céu, está sempre presente comigo e minha irmã Laura pelo apoio incondicional em todas as etapas desta graduação;

À minha namorada Eloá que mesmo à distância sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis, não permitindo que eu desanimasse e diante das batalhas da faculdade;

Aos meus amigos da República Capitu e do Esporte Plural, em especial ao Alfinete que nos ajudou em muitos momentos durante a escrita deste memorial;

Por fim, mas não menos importante, aos professores que nos instruíram em toda a graduação, cada um em sua área específica, e que nos ajudaram a construir futuras carreiras promissoras.

Resumo

O presente trabalho busca expor as memórias do futebol jogado nos campos de várzea na cidade de Mariana, Minas Gerais. Trata-se da produção experimental de um documentário capaz de captar as mais diversas memórias que envolvem o esporte e seus admiradores; trabalho no qual assumimos um compromisso com a liberdade e a flexibilidade na relação sujeito-documentarista. A narrativa fílmica aborda histórias “quase perdidas” da várzea marianense, procurando dar protagonismo aos sujeitos que contam suas lembranças e que, assim, acabam sendo contados pelo próprio filme. O resultado deste trabalho explora as nuances subjetivas e os ânimos culturais de um esporte praticado no mundo todo, e que, em cada região, possui sua peculiaridade assentada nas tradições e nos costumes locais. Mais do que isso, registramos uma memória oral a partir de um dispositivo fílmico capaz de garantir a esses relatos outras formas de visibilidade e duração.

Palavras-chave: Futebol; Mariana; Memória; Sujeito; Várzea.

Resumen

Este trabajo busca exponer los recuerdos del fútbol que se juega en los campos de tierras bajas en la ciudad de Mariana, Minas Gerais. Elaboramos, así, una producción de un documental experimental capaz de capturar los más diversos recuerdos implicados en el deporte; para tanto, asumimos un compromiso con la libertad y flexibilidad en la relación sujeto - documentalista. La película cubre historias "a punto de se perder", buscando enfoque en los sujetos de las historias que, por fin, son contados por la propia narrativa del documental. El resultado de este trabajo explora los matices subjetivos y el estado de ánimo cultural de un deporte practicado en todo el mundo y en que, cada región, tiene su peculiaridad asentado en las tradiciones y costumbres locales. Más que eso, registrase una memoria oral de un dispositivo fílmico capaz de asegurar otras formas de visibilidad y duración a su contenido.

Palabras clave: Fútbol; Mariana; Memoria; sujeto.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Adilson Carneiro (Presidente da “Lema”).	22
Imagem 2: Reunião esvaziada dos presidentes dos clubes na “Lema”.	22
Imagem 3: José Carlos, presidente da “Juma” e Seu Jair, treinador do mesmo clube.	23
Imagem 4: Altar improvisado para a gravação da entrevista com fotos e troféu da “Juma”.	23
Imagem 5: Seu Vicente - Ex- Jogador e Treinador da “Juma”.	24
Imagem 6: Álbum de fotos de Seu Vicente.	25
Imagem 7: Toninho Rocha - Ex-Jogador e Atual presidente do “Guarany”.	26
Imagem 8: Raul Patrik e Werley Calazans - Atletas do “Guarany”.	28
Imagem 9: Adair do Espírito Santo - Esposa de Paulo Munheca.	30
Imagem 10: Décio Gabriel - Ex-Presidente da Liga Esportiva de Mariana.	32
Imagem 11: Mário Rocha - Ex-Volante do “Guarany”.	33
Imagem 12: Homenagem a Antônio e Alaíde Pessôa na sede do “União Passagense”.	34
Imagem 13: Antônio Pessôa- Torcedor do “União Passagense” desde 1938.	36
Imagem 14: Murais de lembranças de Antônio Pessôa.	37
Imagem 15: Dona Adair e foto do time do “Guarany”. Paulo Munheca primeiro em pé da esquerda para a direita.	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Entrevistas realizadas para o documentário “Memórias da Várzea”.	19
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. Futebol.....	10
2.2. Documentário.....	12
2.3. Memória.....	15
3. PLANO DE TRABALHO.....	16
3.1. Produção.....	17
3.1.1. Entrevistas.....	19
3.2. Pós-Produção.....	39
3.2.1. Decupagem.....	40
3.2.2. Edição/Montagem.....	41
3.2.3. Finalização.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES - Crônicas.....	48

1. INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que contagia milhares de pessoas ao redor do mundo. Em Mariana não é diferente. Muitos moradores possuem um time do coração e não perdem uma partida de domingo. Mas há algo melhor do que torcer: jogar futebol. Muitos dos grandes craques nacionais e internacionais saíram do futebol local – aquele jogado em campo de terra batida –, como Reinaldo, ídolo do Atlético Mineiro, ou exemplos mais recentes, como Denílson, pentacampeão com a Seleção Brasileira em 2002 e Leandro Damião, que “estourou” no Internacional de Porto Alegre. Outros não têm tanta sorte de chegar ao estrelato, mas seguem nos times locais, e dali, fazem suas vidas futebolísticas.

Nosso produto – um documentário experimental – aborda esse futebol da periferia, “varzeano”. Nossa proposta de registro extrapola o espaço do campo onde as partidas são disputadas, voltando-se para a cultura em torno de sua prática, especificamente no que se refere ao imaginário e às memórias das pessoas que fazem e fizeram a história do esporte na cidade (sede e distritos). De forma geral, o produto apresenta características jornalísticas, assentadas, particularmente, no trabalho de produção em torno dos sujeitos que compuseram o filme (um levantamento de possíveis participantes do projeto). A cidade de Mariana contempla um vasto número de pessoas que participam ou participaram do futebol varzeano, o que nos demandou, num primeiro momento, o trabalho de selecionar aquelas que nos pareciam ter maior destaque. A ideia inicial previa uma fuga em relação ao modo de produção das reportagens televisuais – a quais, com certa frequência, são apresentados entrevistas e personagens pré-produzidos; ou seja, adotamos um modelo flexível de entrevista (não estruturada) no qual abdicamos da orientação prévia de perguntas já roteirizadas, visando, assim, dar liberdade para que os sujeitos pudessem falar com naturalidade durante aquilo que entendemos como uma conversa: uma contação de casos, e não uma relação direcionada pelo interesse jornalístico em obter informações específicas de suas fontes.

Uma de nossas ideias iniciais era trabalhar com um documentário mais artístico do que jornalístico [ou nos termos de Bill Nichols (2012), mais *poético* e *performático* do que *expositivo*]. Contudo, as mudanças colocadas ao projeto – inicialmente abordaríamos o futebol como prática esportiva e cultural, sem foco na questão da memória –, deixamos a preocupação estética em segundo plano, e passamos a valorizar outra poética: neste caso, não aquela construída com imagens e efeitos de vídeo, mas sim presente nas falas e memórias dos sujeitos colocados no centro de nossa narrativa. Desse modo, o tratamento artístico do filme –

se é que assim podemos dizer – ficou reduzido a interferências sutis manifestadas em detalhes do filme, como as imagens que fazem a cobertura do documentário atreladas à trilha sonora.

O filme “Memórias da Várzea” trabalha, em geral, com relatos de pessoas mais velhas, que viveram um tempo no qual o futebol era outro: tempo este no qual as pessoas tratavam o futebol de várzea como algo muito além de apenas uma diversão; quando o tempo corrido da vida ainda permitia aos jogadores treinarem e se prepararem para os jogos. Durante as conversas, os entrevistados, ao falarem da diferença entre o passado e o presente, deixam claro essa diferença de comprometimento das pessoas em relação ao esporte. Esta e outras percepções são divididas com os espectadores possíveis de “Memórias da Várzea”, filme centrado em relatos sobre o ontem e o hoje do futebol marianense: ouvimos e reportamos anedotas, histórias tristes, causos engraçados, saudosismos, jogadas inesquecíveis, personagens marcantes...

Conforme colocado, durante todo o processo tivemos o cuidado em deixar os entrevistados livres para contarem suas memórias. Fazíamos apenas uma apresentação inicial, falando sobre o tema futebol, e deixávamos as pessoas resgatarem as lembranças que, muitas vezes, acabam esquecidas na rotina do dia a dia o que acaba por deixar esses momentos únicos e saudosos perdidos no subconsciente.

Acreditamos que a vida fora do que a mídia mostra continua acontecendo à revelia da nossa alienação ou inconsciência. Foi essa vida outra – de margem, de várzea – que buscamos visibilizar em nosso filme. As câmeras flagram apenas recortes, fragmento de falas, em si, já fragmentadas; nosso enquadramento, porém, assumiu o desafio de registrar o cotidiano fora da mídia, fora do campo, do modo mais autêntico possível em relação àquilo que nos foi relatado na condição de verdade íntima dos nossos entrevistados.

Durante este percurso, tivemos como uma de nossas preocupações a relação som/imagem. “Memórias da Várzea” valoriza a sonoridade dos depoimentos registrados, deixando a imagem em segundo plano, uma vez que a câmera se mantém estática, variando apenas na movimentação do enquadramento para planos fechados, buscando os detalhes nas expressões faciais e gestuais. Em alguns momentos, movidos pelo desejo de captar o detalhe que nos chamava a atenção, acabamos adotando movimentos desnecessários, nos quais o direcionamento da câmera não coincidia nem com as intenções do entrevistado, nem com as nossas.

Refletindo sobre o papel da imagem no filme, chegamos a questionar se deveríamos fazer um documentário radiofônico ao invés de um produto audiovisual. Vários aspectos permitiam a escolha de um documentário radiofônico, como a base oral da narrativa e a boa

qualidade de captação dos áudios das entrevistas. Entretanto, fizemos a opção de importar efeitos do rádio para imagem como forma de imbricar essas linguagens, acionando certo imaginário nostálgico naqueles que, por ventura, assistirão ao filme. Os sons de sintonia de uma estação de rádio acompanhados da ausência de imagens visam, assim, simular a busca pela memória que estava perdida no subconsciente dos protagonistas da várzea; quando uma frequência é encontrada, o chiado inconstante dá lugar a uma transmissão segura, de áudio claro e imagem aparente, recursos expressivos que permitem o relato acontecer.

A escolha pela produção de imagens deve-se, ainda, à valorização dos sujeitos depoentes e a materialização ampla de uma memória que, dentro de certo tempo, poderia não mais existir. Acreditamos, assim, que a imagem valoriza o sujeito, dá-lhe cara, confere um rosto à voz de suas narrativas. Se queremos valorizar a imaginação de quem escuta determinada história, não podemos nos esquecer que quem conta também imagina e relembra através de gestos, expressões, e demais particularidades que são demonstradas na imagem.

Quanto à relevância do trabalho para a comunidade, acreditamos que seja importante para o jornalismo um pensamento mais amplo de mídia, no sentido da compreensão dos fatos para além daquilo que é noticiável, afinal, fatos não apurados ou não capturados pelos veículos de comunicação não deixam de existir, continuam acontecendo. Muitas vezes o pensamento técnico nos afasta dessa percepção, preocupados apenas com o processo da produção, com os prazos para um determinado trabalho ou com a coesão da informação dentro da especificidade de cada formato narrativo.

Movidos por este espírito, empunhados de câmeras, deixamos de lado a roteirização (no sentido de uma sequência planejada de filmagens), e partimos para o “real”: a gravação dos acontecimentos com poucos direcionamentos e nenhuma montagem já estabelecida. Assim, fomos criando a interação com os sujeitos durante as filmagens, adaptando-nos às diferentes situações que surgiam, criando e dando forma, a partir de cada memória, as “Memórias da Várzea”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Futebol

O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Em qualquer lugar e em qualquer horário, você pode encontrar alguém jogando bola. Grandes ou pequenos estádios, campinhos, quadras, na rua ou até mesmo na sala de casa; sozinho ou em grupo: tudo o que se precisa é de uma bola e a vontade de jogar.

Além disso, a presença que o futebol exerce na vida de quem o pratica, seja nos campos ou fora deles, pode ser intensa a ponto de se tornar uma marca de personalidade. Roberto da Matta (1982) faz uma interessante reflexão sobre a relação entre o futebol e a vida, e como esse esporte pode exercer uma forte presença social no cotidiano de quem o vive ardentemente.

Discutir futebol é, assim, especular sobre um jogo emoldurado pelo capitalismo, pelos "cartolas", pelo dinheiro e tudo isso que sempre torna a vida amarga e injusta, mas é também argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independentemente de condição social. Porque, eu insisto, a metáfora é perfeita: no jogo, como na vida, estamos limitados por um tempo. Este nosso jogo sempre termina um dia, ao passo que o jogo sempre continua. As regras delimitam ações e tempo e, assim fazendo, abrem, paradoxalmente, o jogo para a eternidade. E precisamente o instante em que a regra não pode ser cumprida ou que ela foi levada até às últimas consequências, o momento mágico que imortalizamos. (DaMATTA, 1982, p. 15).

No Brasil e no mundo, o futebol profissional é capaz de mover milhares de pessoas aos estádios e arrecadar milhões em dinheiro, tanto pela venda de ingressos, quanto a partir transferências de jogadores, ações de marketing e grandes campeonatos. Contudo, ainda há espaço para o futebol fora de todos esses holofotes: o futebol de várzea. O pesquisador Diego Viñas, durante a sua participação no programa SP Esporte¹, contou que o futebol de várzea surgiu quase simultaneamente ao futebol profissional (o esporte chegou a São Paulo em 1894, tendo sido trazido por Charles Miller). Diego conta que o povo ouvia falar do futebol que era praticado nas escolas inglesas e também queriam jogar. Foi nas várzeas, margens dos rios, que essas pessoas puderam desfrutar do jogo. Segundo o dicionário Michaelis (ONLINE)²,

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gP6kikM3xgE>. Acesso em: 10 fev. 2016

² Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/varzea%20_1064165.html. Acesso em: 11 fev. 2016.

uma das definições de várzea é “*Terrenos baixos e planos, sem serem alagadiços, que margeiam os rios e ribeirões;*”.

Este tipo de futebol passou a se espalhar por todo o Brasil, tendo grande importância no desenvolvimento do futebol profissional – uma espécie de categoria de base para os times de futebol. Os jogadores com grande potencial eram “descobertos” jogando na várzea através dos olheiros dos clubes, que iam até os locais e assistiam às partidas. Atualmente, este sistema é pouco usado devido ao grande investimento dos times em atrair meninos para suas categorias de base, espaço nos quais os atletas recebem acompanhamento e treinamento especializado. Esses jovens atletas chegam para disputar “peneiras” e os melhores são escolhidos. Contudo, a várzea segue sendo um celeiro para os times de menor expressão no cenário futebolístico. A cada partida, um olheiro ou alguém com contatos pode transformar a diversão de se jogar futebol com os amigos em portas abertas para as práticas profissionais. Ainda assim, grande parte dos “atletas” da várzea joga sem tais preocupações.

De uma forma geral, os praticantes são pessoas que gostam do esporte e de atividades físicas, dedicando parte de suas vidas a este tipo de ocupação. Encontram nestas práticas o prazer, a forma física, a manutenção da saúde, o convívio com amigos, uma forma de aliviar o stress. O jogo de futebol compreende mais que um tempo destacado da rotina cotidiana, trata-se de um tempo de recuperação, um tempo de terapia, de forma que o ator social pode esquecer-se de seus problemas pessoais e domiciliares. (VALENTIN; CAVICHIOLLI *apud* GOERG, 2010, p.9).

Além do caráter de lazer, o futebol permite a aproximação das pessoas, faz com que elas criem novas relações. Em seu estudo etnográfico, Marcelo Goerg (2010) mostra como um rapaz se insere em uma partida sem invadir o espaço ocupado pelo grupo que lá estava.

Diego caminha sozinho pelo bairro à procura de um campinho, encontra-o, senta e observa aqueles que já se encontram em situação de jogo; aguarda, então, a oportunidade certa para se aproximar, que logo vem quando a bola é deslocada para fora do espaço da quadra com um chute e um menino vai embora; Diego manifesta um pedido de aceitação e logo recebe um unânime sinal positivo para, aí sim, participar concretamente das partidas que ali acontecem. (GOERG, 2010, p. 69).

De certa forma, a várzea propícia essa criação de relações. Antes de cada campeonato, as equipes procuram por atletas que estejam disponíveis e, em muitos dos casos, pessoas que já possuem alguma ligação com a prática incorporam amigos ou conhecidos ao jogo. Há casos também em que os jogadores trocam de equipes. A várzea, assim como o futebol profissional, adequa-se ao orçamento disponibilizado, o que implica na busca de meios capazes de garantir o mínimo de autossuficiência.

Importante ainda considerar que o futebol dá essa chance aos jogadores de maior qualidade se sobressaírem sobre os demais. Jogadores como Pelé, Ronaldo, Romário, Garrincha, entre outros, possuem um aspecto em comum: são ídolos de todo um país.

Mané Garrincha era a "Alegria do povo" por causa das suas habilidades de driblador. Fazia a plateia rir e delirar de satisfação com a sua malícia e picardia. No mais, era humilde, simples. (...) Esse tipo de herói desafia qualquer adversário, fazendo pouco de sua classe ou categoria. É cativante, mas capaz de incríveis diabruras. Com seu jeito tímido e seu futebol malicioso, humilha os marcadores, ignorando seus nomes e títulos. (...) A sociedade brasileira adora esse vingador ingênuo e engraçado. (VOGEL, 1982, p. 107-108).

Esta situação não é exclusiva de atletas profissionais. Os jogadores de várzea e até aqueles que disputam as famosas “peladas” estão sujeitos a alcançar esse status e acabam se tornando “celebridades anônimas”, comparados, em nível local, aos grandes jogadores do futebol profissional. No caso da várzea marianense – logo, do nosso filme – o nome desse jogador é Paulo Munheca.

2.2. Documentário

O documentário é um modelo de produção cinematográfica que procura se referenciar na “realidade”, mesmo havendo algumas lacunas em torno desse possível conceito. Bill Nichols, em seu livro “Introdução ao documentário” (2012), articula a noção de documentário às narrativas que buscam certo tipo de “representação social”.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo de já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distante, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. (NICHOLS, 2012 p. 26).

Esta é a forma de realidade que exploramos em relação ao futebol de várzea na cidade de Mariana. No caso da nossa proposta, centrada na intersubjetividade da relação entrevistado/documentaristas, enfrentamos o desafio de buscar essa realidade na materialidade dos depoimentos colhidos, e não na captação de um real que se objetiva diretamente em relação às lentes da câmera. Retratar pessoas em um documentário não é uma tarefa simples, afinal, cada pessoa possui suas particularidades, suas características, uma forma de reagir ao estar na presença de uma câmera. Sobretudo em um filme como o nosso

(ancorado em entrevistas abertas), existe um risco grande do imprevisível acontecer, o que pode caracterizar a quebra de qualquer expectativa de direcionamento das conversas. Jean-Louis Comolli, no livro “Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário” (2008), fala exatamente sobre as dificuldades de se filmar o ser humano no “mundo real”.

Filmar os homens reais no mundo real significa estar às voltas com a desordem das vidas, com o indecível dos acontecimentos do mundo, com aquilo que do real se obstina em enganar as previsões. Impossibilidade do roteiro. Necessidade do documentário. (COMOLLI, 2008, p. 174).

A ausência de roteiro e os desafios de se trabalhar dentro do risco do imprevisível fazem com que o cinegrafista tenha que realizar um grande trabalho de pesquisa com fontes, documentos, visitas a campo, entre outros.

O documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; (...); fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que os habitam. (PUCCINI, 2007, p. 85).

Em relação ao modelo de documentário utilizado (o de “representação social”), sabe-se que o modo expositivo costuma ser o mais difundido e é também o gênero pelo qual pessoas leigas costumam identificar certas narrativas como documentários propriamente ditos. De fato, a primeira vez que uma produção cinematográfica foi rotulada como “documentário” foi nos anos 30 pelo cineasta escocês John Grierson, que era adepto do modo expositivo de produção.

Esse modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. Os filmes desse modo adotam o comentário com voz de Deus (o orador é ouvido, mas jamais visto). (NICHOLS, 2012, p. 142).

No entanto, decidimos não trabalhar com o modo expositivo, uma vez que ele é utilizado com frequência nas tradicionais matérias esportivas, e também pela intenção de adotar um formato pessoal e humanista. Adotamos, por fim, uma relação de filmagem

ancorada no modo participativo, pois neste o cineasta é aproximado do sujeito que sendo entrevistado, tendo em vista o estabelecimento de um diálogo e uma interação.

Quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente, reconfigura poeticamente ou monta argumentativamente esse mundo. O cineasta desce o manto do comentário com voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos). (NICHOLS, 2012, p. 154).

O futebol e as pessoas que o vivenciam são os eixos condutores do documentário. E a entrevista, num formato de conversa informal, é a ferramenta utilizada para que os sujeitos possam ter liberdade de contar suas histórias e, assim, possam libertar o que está guardado na memória. Quanto à entrevista como forma de se obter informação, Bill Nichols diz que:

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que as estruturam. (NICHOLS, 2005, p. 160)

Em “Memórias da Várzea”, a participação dos cineastas durante o filme aparece de maneira bem discreta, de acordo com a condução das entrevistas. Não há uma roteirização de perguntas: elas aparecem de forma natural, demandas pela própria interação, conforme a conversa flui; o espectador nota a participação dos documentaristas – no caso, nossa – durante partes do filme, a partir de comentários ou em momentos em que a pergunta se faz pertinente.

Do ponto de vista das filmagens, a câmera se mantém fixa num único lugar variando apenas quanto ao seu enquadramento, como em planos mais abertos (quando os sujeitos fazem uso de gestos para ilustrar alguma história, o que demanda maior distância focal) e também planos fechados (quando revelar detalhes se faz necessário).

2.3. Memória

Primeiramente, é primordial estabelecer uma diferença entre os conceitos de memória e história estabelecidos por Pierre Nora, operação importante para o entendimento da proposta do nosso documentário.

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9)

Refletimos, junto a Pierre Nora, sobre a memória construída *na e pela* linguagem do filme (o filme captura uma memória na medida mesmo em que permite expressão a essa memória). Nosso documentário se utiliza de poucas imagens extras, e as histórias acontecem nos relatos e nas interações dos sujeitos entrevistados (interações não só conosco, mas com suas próprias histórias e lembranças). Não há imagens documentais corroborando as falas, decisão que buscou dar valor à palavra oral como substância daquilo que é documentado.

Trabalhando com as memórias da várzea, e lidando com a “contação de histórias”, foi interessante comparar as declarações sobre os mesmos temas e entender as ligações memoriais existentes. Há histórias em especial que provocaram esse fenômeno: a primeira sobre o costume de Paulo Munheca passar o braço sem mão pela testa suada durante os jogos. Dois entrevistados diferentes relembrou o caso, cada qual a sua maneira: Toninho Rocha afirmou que, quando Paulo fazia o gesto, “alguma coisa boa acontecia”; relembrou o fato, Mário Rocha contou uma situação de jogo em que Paulo Munheca repetiu o ato, acrescentando, uma frase dita pelo ilustre atleta: “É... hoje tá difícil... hoje tá difícil...”. Esta situação está presente no documentário, sendo seu registro totalmente espontâneo, característica dos gestos de memória.

Outro episódio semelhante envolvia a perda da mão de Paulo Munheca. Cada entrevistado tinha uma informação a acrescentar sobre o fato: uma bomba jogada (“cabeça de

nego”) que estourou em sua mão, no campo do “Guarany”; que ele mesmo tentou lançar a bomba numa festa junina, ainda criança; que ele perdeu a mão na época de um grande título do “Guarany”, em 1944 ou em 1948. Assim mesmo, sem exatidão. Complementando-se e se contrapondo, sem a preocupação de checagem e precisão, no filme, uma informação liga-se a outra a partir da aproximação das falas de diferentes narradores.

Exploramos, assim, as chamadas “coincidências”, processos feitos de forma inconsciente em diferentes situações, cujos cruzamentos tornam-se “gatilhos de memória”, como afirma Aleida Assmann em seu livro “Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural” (2011).

As movimentações da memória, ao contrário da tradição continuamente perpetuada e propagada, são esporádicas e nervosas, como se ligadas à eletricidade. A lembrança sempre exige um gatilho, ou, segundo Heiner Müller, o processo da lembrança se dispara por choques. (ASSMANN, 2011, p. 22).

Desta forma, entendemos que a produção do documentário foi um gatilho que despertou as memórias da várzea. Buscamos possibilitar a imaginação dos espectadores, respeitar as declarações dos entrevistados, as “imprecisões históricas” dos sujeitos, e a livre manifestação da memória como fio condutor do nosso documentário.

3. PLANO DE TRABALHO

Conforme exposto, nossa produção teve como argumento o trabalho documental sobre memórias do futebol de várzea na cidade de Mariana. Para tanto, não nos utilizamos de um roteiro predefinido. Pareceu-nos coerente que, para irmos em busca das memórias dos sujeitos de nosso documentário, não deveríamos presumir em roteiro o que diriam, muito menos sugerir o que deveriam dizer. A memória é um campo muito abstrato, o que demanda uma postura mais aberta e flexível ao comportamento do entrevistado. Claro que iríamos assumir um risco com essa decisão, mas seria não somente um risco necessário, mas também coerente com a nossa proposta; proposta, aliás, que presumia um enfrentamento com os obstáculos de apuração que iriam surgir: indisponibilidade de colaboração de possíveis entrevistados, por diferentes motivos (distância geográfica, indisposição, falecimento); além de pequenos obstáculos que surgiram inclusive com as pessoas que colaboraram com o documentário: descumprimento de horários agendados, dificuldade de lembrança de alguns dados e/ou imprecisão dos relatos, por exemplo. Importante, ainda, não esquecer problemas

externos à vontade de todos: chuva interrompendo a tomada da entrevista, o latido do cachorro que se torna mais alto que a voz do entrevistado, o ônibus atrasado, a bateria insuficiente para a gravação de uma conversa que se prolonga.

De forma geral, nosso filme teve a preocupação de priorizar as histórias, as lembranças, o espontâneo de cada entrevistado. Na edição dividimos o filme em duas grandes partes: a primeira marcada por histórias e anedotas de pessoas que viveram/vivem o futebol de várzea em Mariana; a segunda dedicada exclusivamente para a história de Paulo do Espírito Santo, o grande craque da várzea marianense. Pelo seu protagonismo na fala de quase todos os entrevistados, Paulo Munheca tornou-se um personagem central no nosso documentário, um capítulo à parte.

Na finalização do filme, acertamos detalhes técnicos como o equilíbrio do som e das transições de temáticas, processo realizado com o auxílio do técnico da Universidade, Thiago Caldeira. Alguns aspectos como ruídos durante alguns depoimentos não puderam ser retirados, pois impactariam diretamente na qualidade da captação.

Descrevemos este percurso – da pré-produção à finalização do documentário – no presente capítulo. Apresentamos, temporalmente, as questões relativas às escolhas que operamos para a realização do produto como trabalho de conclusão de curso.

3.1. Produção

Durante o percurso que desenvolvemos no primeiro semestre de trabalho (TCC1), atuamos em duas frentes de produção: na parte prática, experimentamos enquadramentos, enfoques, iluminações e recursos estético-expressivos com a câmera; na parte teórica, articulamos por escrito a ideia de um documentário artístico, refletindo na possível narrativa que poderíamos construir a partir do que experimentávamos nas filmagens de campo. Inicialmente, consideramos filmar jogadas com enquadramentos inusitados – como planos-detalhes das situações do jogo de futebol, geralmente captados à distância –, produzir imagens em movimento que subjetivassem a câmera na perspectiva do jogador, utilizar luzes naturais e artificiais na captação, entre outros recursos. No entanto, sentimos que o trabalho não estava sendo exequível, o que nos levou a repensar o direcionamento da produção como algo essencial para o prosseguimento do projeto.

Nesta direção, a pré-banca foi preponderante para a nossa abertura a uma nova maneira de pensar o documentário: na ocasião, o professor Marcelo Freire nos deu a ideia de sairmos do campo, ou de sua representação explícita, para, assim, concentrarmo-nos na

exposição subjetiva do tema, isto é, das pessoas e histórias que fazem ou fizeram o futebol de várzea em Mariana.

Decidimos pela mudança no enfoque, retornamos para Mariana após o recesso entre períodos e, já no contexto do TCC2, começamos os processos de produção do filme. O primeiro passo foi a apuração dos sujeitos que poderiam compor o produto. Essa pesquisa, juntamente com as entrevistas, estendeu-se de abril até junho deste ano. Neste espaço de interlocução, a cada conversa, lapidávamos a ideia de um filme no qual as pessoas contam causos do futebol de Mariana, dividindo suas memórias com os espectadores do documentário.

Nestas entrevistas, mantivemos conversas abertas a todo tipo de história. No início de cada abordagem, avisávamos apenas que falaríamos sobre futebol em Mariana, e, como única exceção, citávamos Paulo Munheca e pedíamos que nossos entrevistados dissessem tudo o que porventura soubessem sobre o famigerado jogador marianense. É importante salientar que essa relação (entrevistador-entrevistado) só se fez como tal no ato de cada uma das conversas, em cada troca causada pelo diálogo.

(...)porque o único interesse do filme documentário que trabalha com som direto, com pessoas vivas, não com natureza morta, é um diálogo, e esse diálogo tem que estar presente no filme. Não que ele tenha que ter a todo momento as perguntas. As perguntas são essenciais como demonstrativos de uma voz que vem de fora, é algo que provoca e que gera um confronto. Tal confronto é uma coisa complicada porque vai gerar um diálogo produtivo, em que há, de alguma forma, uma troca (COUTINHO, 1997, p.166).

Coutinho (1997) ainda acrescenta uma importante reflexão que também tivemos no andamento do nosso processo de gravação, durante cada entrevista que fazíamos: o receio de intimidarmos nossos sujeitos com a presença da câmera, inibirmos seus gestos e histórias. O documentarista afirma que é inevitável que essa relação seja assimétrica:

É claro que é preciso rejeitar a ilusão de que essa troca seja absolutamente simétrica. Esse diálogo é assimétrico por princípio, não só porque você trabalha com classes populares sem pertencer a elas, mas simplesmente porque você tem uma câmera na mão, um instrumento de poder. (COUTINHO, 1997, p.166)

Desde a primeira consulta até a entrevista propriamente dita, passando por cada um dos 13 entrevistados para este filme, fomos adquirindo experiência e tato para conduzir o

diálogo com os mais diversos tipos de entrevistados: dos mais extrovertidos e até mesmo próximos – como Seu Vicente –, aos mais fechados e desconfiados – como Seu Juca, caseiro do clube “União Passagense” –, passando pelos inicialmente ressabiados, porém extremamente articulados quando do momento da entrevista – como Décio Gabriel. Diferenças manifestas, inclusive, nas idades: desde os 20 anos de Raul Patrik até os 98 anos de Antônio Pessôa. Todas essas entrevistas, cada uma a seu modo, geraram laços de proximidade e confiança com aqueles que entrevistávamos, ao ponto de, em quase todo lugar que estivemos, desfrutamos não só das conversas sobre a várzea, mas também de mesas de café pós-entrevista. Parte bastante agradável da realização deste produto.

3.1.1. Entrevistas

Apresentamos aqui a lista com informações detalhadas de todos os sujeitos entrevistados para este filme. Preferimos não chamá-los de fontes (pois, deles, não buscamos informações, mas histórias, memórias, percepções ligadas às suas subjetividades).

Entrevistado(a)	Quem é?	Dia(s)	Local	Duração Estimada	Como integra o Filme
Adilson Carneiro	Presidente da Liga Esportiva de Mariana	26/04	Sede da Liga Esportiva de Mariana	13 Minutos e 42 Segundos	Não Integra
José Carlos Oliveira	Presidente da “JUMA”	07/05	Residência do entrevistado	44 Minutos e 1 Segundo	Documentário
Jair Gomes	Treinador da “JUMA”	07/05	Residência de José Carlos	44 Minutos e 1 Segundo	Não Integra
Vicente dos Santos	Ex-Jogador e Treinador da “JUMA”	19/05	Residência do entrevistado	34 Minutos e 33 Segundos	Documentário
Toninho Rocha	Presidente do “Guarany”	17/05	Sede do “Guarany”	36 Minutos e 35 Segundos	Documentário
Raul Patrik	Atleta do	07/06	Campo do	43 Minutos	Documentário

	“Guarany”		“Guarany”	e 39 Segundos	
Werley Calazans	Atleta do “Guarany”	07/06	Campo do “Guarany”	43 Minutos e 39 Segundos	Documentário
Adair do Espírito Santo	Viúva de Paulo Munheca	11/06	Residência da Entrevistada	21 Minutos e 4 Segundos	Documentário
Décio Gabriel	Ex-Presidente da Liga Esportiva de Mariana	13/06	Escola Dom Silvério	36 Minutos e 12 Segundos	Documentário
Mário Rocha	Ex-Jogador do “Guarany”	23/06	Sede do “Guarany”	32 Minutos e 21 Segundos	Documentário
Antônio Pessoa	Torcedor Ilustre do União Passagense	23/06	Residência do Entrevistado	21 minutos e 19 Segundos	Documentário

Tabela 1: Entrevistas realizadas para o documentário “Memórias da Várzea”.

Seu Luis. De registro, Luis Salles. Presidente do clube “Vila Nova” de Cachoeira do Brumado. Foi a primeira pessoa com quem conversamos. Já o conhecíamos de trabalhos anteriores do curso, mais precisamente das matérias de telejornalismo, no quinto período e, posteriormente, de jornalismo esportivo. Embora não tenha sido apresentado em nossa narrativa documental, Seu Luis foi de grande utilidade ao nos situar em relação a alguns nomes que fizeram a tradição do futebol de várzea em Mariana – como Décio Gabriel Soares, ex-presidente da Liga Esportiva de Mariana (Lema), figura essencial para a construção deste documentário. Numa conversa informal que tivemos no seu local de trabalho, o Sindicato dos Servidores (Sindserv), conversamos, entre outras coisas, sobre o repasse da prefeitura aos clubes amadores da cidade (cerca de R\$ 6.000 ao ano), quantia que, em sua opinião, é insuficiente. Ele não seria o primeiro a reclamar do montante do repasse. Para avançarmos na parceria, Seu Luis nos pediu um resumo da proposta do filme por e-mail. Atendemos a solicitação. Ele havia planejado nos levar para o distrito de Águas Claras, em um dos jogos que acontecesse no local, mas os impedimentos foram consecutivos: dia das mães em um

final de semana, aniversário da mulher no outro. No fim das contas, ele nos sugeriu visitarmos Cachoeira do Brumado, local onde o seu time joga. Ele nos indicou o treinador da sua equipe, Thiago, para nos conceder entrevista. Thiago trabalha na Secretaria de Esportes de Mariana, localizado na Arena Mariana. No entanto, todas as nossas tentativas de contato foram infrutíferas, o que nos fez desistir da entrevista em vista das várias frentes de gravação que já fomos levantando no decorrer dos dias.

Adilson Carneiro. Logo no início do semestre 2016.1, começamos a série de entrevistas com os sujeitos que possivelmente fariam parte do filme. No dia 19 de abril, fomos até a Liga Esportiva de Mariana (“Lema”), situada no centro da cidade, para conversarmos com o presidente Adilson Carneiro. Marcamos uma entrevista oficial para o dia 26 de abril. Para o encontro, levamos apenas uma filmadora SONY HDR-XR550 e um microfone de mão, emprestados pela Universidade. Adilson é um homem bastante extrovertido, mas, diante da câmera, manteve-se com um semblante mais sério. Conversamos sobre seu trabalho na “Lema” e sobre futebol em geral. Além da entrevista, foram feitas outras tomadas no local, que acabaram ficando do fora da edição final. Após a conversa, Adilson nos informou sobre uma reunião com todos os presidentes dos times de Mariana que aconteceria no dia seguinte, às 19h. Como estávamos com poucos contatos, achamos que seria uma oportunidade importante para o prosseguimento das gravações. No dia 27, uma quarta feira, fomos filmar a reunião, sem o uso de microfone, o que já sabíamos que prejudicaria a captação de som. Optamos por explorar a captação só de câmera em função da liberdade de movimentos assim adquirida, o que nos permitiria registrar o momento a partir de uma maior variedade de ângulos. Ao chegarmos na reunião, percebemos haver poucos presidentes; o motivo era inusitado, porém nem de todo inesperado: o Atlético Mineiro jogaria no horário da reunião, e os presidentes atleticanos optaram pelo jogo à reunião. Adilson Carneiro pediu desculpas, fez uma breve reunião e remarcou o evento para a próxima semana, num dia sem jogo. As filmagens foram basicamente do ambiente em si, do encontro. Na semana seguinte, dia 3 de maio, mesmo sem a concorrência de qualquer jogo televisionado, havia ainda menos presidentes que na reunião anterior. Adilson manteve o encontro e realizou o sorteio dos grupos para a disputa da Taça Mariana. Na ocasião, conhecemos José Carlos, presidente da “Juma” e Antônio Eustáquio da Rocha, o Toninho Rocha, presidente do “Guarany”; apresentamos a ambos nossos trabalhos e lhes pedimos seus contatos para que pudéssemos agendar um bate-papo em forma de entrevista. Todos esses momentos foram captados, ainda que, em função da mudança de foco do documentário para

as memórias das pessoas que vivem/viveram o futebol amador, não tenham sido diretamente utilizados na narrativa documental.



Imagem 1: Adilson Carneiro (Presidente da “Lema”).



Imagem 2: Reunião esvaziada dos presidentes dos clubes na “Lema”.

José Carlos. No dia 7 de maio, um sábado, gravamos entrevista com o presidente da “Juma”, José Carlos, em sua residência. A chegada, em si, já nos colocou em uma situação de tensão: o local da entrevista ficava no Bairro Colina, na Rua Piauí. Percorremos vários “estados” até chegar ao local indicado, uma pequena rua, toda ela íngreme, cuja esquina abrigava a entrada secundária da casa que buscávamos. Fomos recebidos por José Carlos e por seu colaborador e treinador do time, Seu Jair. Aliás, fomos muito bem recebidos, tanto que José Carlos já tinha inclusive montado ele próprio um pequeno cenário aonde iria conceder a entrevista. Esclarecemos com mais calma como o processo iria funcionar: de modo simples, como uma conversa despretensiosa. Em geral, dali pra frente nossa abordagem inicial tornaria padrão em todas as entrevistas: pediríamos para as pessoas contarem tudo o

que lembravam em relação ao futebol e fazíamos apenas pequenos apontamentos como: “qual a história mais triste” ou “a mais alegre” das quais se lembravam. Buscávamos um ritmo fluído, tentando nos adaptar ao estilo do entrevistado. Nessa gravação, também houve dificuldades de filmagem em função da falta de espaço da casa, o que nos dificultava variar as possibilidades de enquadramento da imagem. No final da entrevista, fomos agraciados com bolachas e refrigerante, um Mate-Couro *diet*.



Imagem 3: José Carlos, presidente da “Juma” e Seu Jair, treinador do mesmo clube.



Imagem 4: Altar improvisado para a gravação da entrevista com fotos e troféu da “Juma”.

Seu Vicente. Victor já conhecia o Seu Vicente. Ele é dono da casa onde morou durante três anos, uma república estudantil chamada “*Carpe Diem*”. Sempre conversaram, despreziosamente, sobre futebol; antes mesmo de Victor pensar em fazer seu TCC sobre o tema, chegaram a conversar sobre o futebol de várzea da região. Alguns jogadores sempre foram muito destacados pelo Seu Vicente, e, contrariando a lógica dos relatos desse documentário, o jogador mais citado pelo entrevistado não foi Paulo Munheca, mas sim Ubiraci Gomes, o Bira; craque que jogou, entre outros times, nos rivais “Guarany” e no “Marianense”.

Victor já morava em outra república, quando, já no contexto de realização do trabalho, Seu Vicente foi procurado para falar sobre suas memórias da várzea. Como esperado, o senhor foi extremamente receptivo e começou, pouco a pouco, a se lembrar das histórias de outrora. Sua narrativa foi embalando devagar, até chegar ao ponto em que ele contava uma história atrás da outra. Ele falou um pouco sobre Paulo Munheca e foi o primeiro a nos informar de que ele ganhou uma casa do próprio “Guarany”. Interessante ressaltar a sugestão de sua esposa, Dona Sônia, para que filmássemos o marido na varanda da casa, tendo a janela de um dos cômodos ao fundo – direção de arte inesperada prontamente acolhida na captação da entrevista.



Imagem 5: Seu Vicente - Ex- Jogador e Treinador da “Juma”.

Sendo o lugar bem estreito, foi difícil variar ângulos de filmagem. Como a gravação consistia apenas no registro da fala e de detalhes de seu rosto, o processo seguiu sem dificuldades. Contudo, na tentativa de filmar um álbum de fotografias, próximo às 18h – momento de pouco luz –, não foi bem-sucedida, o que nos levou a registrar o álbum em um dia posterior. Para tanto, voltamos na semana seguinte para conclusão da filmagem do álbum. Seu Vicente contava tudo que se lembrava das fotos que se sucediam naquelas páginas. Sem

pressa, adiantava e voltava o álbum, sempre que alguma pessoa retratada chamava sua atenção. Indicava-nos a foto, a pessoa e contava histórias de suas lembranças daqueles tempos. No mesmo dia, após a gravação, solicitei que ele mediasse nosso contato com a viúva de Paulo Munheca: ele tentou ligar naquele exato momento, mas não conseguiu contato. Ficou, contudo, de me repassar o endereço e ponto de referência da moradia da senhora, Dona Adair do Espírito Santo.



Imagem 6: Álbum de fotos de Seu Vicente.

Toninho Rocha. A primeira vez que vimos Toninho Rocha, presidente do “Guarany”, foi na reunião que definiu o sorteio do chaveamento das equipes participantes da Taça Mariana. Muito extrovertido, brincou bastante com os presentes. Foi fácil estabelecer contato com ele. Ali mesmo já ficou pré-combinado uma entrevista. Por telefone, agendamos a entrevista para o dia 17 de maio. Dito e feito. Neste dia, fomos à sede do “Guarany” focados em não apenas entrevistar Toninho Rocha, mas também filmar a galeria de troféus, quadros de ex-presidentes e figuras importantes do clube que ficam dispostas por todo o recinto.

O presidente do “Guarany” confirmou sua extroversão, contando sua trajetória primeiramente como jogador do clube e, mais tarde, como dirigente. A partir dos anos 90, até 2007, foi presidente por vários mandatos, tendo retornado ao comando da equipe neste ano, 2016. Ele afirmou que veio em um momento de reconstrução do “Guarany”, que, atualmente, encontra-se na segunda divisão municipal.

Dos seus tempos de jogador, Toninho se lembra de histórias divertidas dos tempos em que jogava com Paulo Munheca e Mário Rocha, treinados por Chico Santos. De sua parte, vieram muitas anedotas engraçadas. Foi também uma grande fonte de informação sobre a

vida de Paulo Munheca, contando a forma como ele perdeu a mão (segundo ele, no campo do “Guarany”), sua tentativa de se tornar profissional, seu cotidiano como jogador do clube e seus últimos momentos de vida.

Ele também passou o contato de seu tio Emilio Ibrahim, que dá nome ao Estádio do “Guarany”, e que tem uma interessante história como jogador profissional do Fluminense, e depois, já radicado na cidade do Rio de Janeiro, como um dos engenheiros responsáveis pela primeira reforma do Maracanã. Tentamos o contato com Emilio posteriormente, mas seu telefone estava com problemas. Ligávamos no recinto, e uma voz feminina atendia e, dentro de pouquíssimos segundos, não conseguíamos mais a ouvir. Em tentativas posteriores, ainda houve oportunidade da mulher (que não conseguimos identificar por motivos óbvios) já atender dizendo que seu telefone estava com esse problema de não chegar a voz ao outro telefone, mas sempre que perguntava sobre a presença de Emilio Ibrahim não tínhamos retorno, apenas ouvíamos a nossa voz. Toda essa situação infelizmente impediu-nos o contato. Esta foi mais uma das frustrações ou contratemplos que lidamos no curso do documentário, processos que nos obrigava a “tirar o filme da cabeça” para adaptá-lo às oportunidades que surgiam.



Imagem 7: Toninho Rocha - Ex-Jogador e Atual presidente do “Guarany”.

Raul e Werley. Dia 14 de maio. Sábado de estreia do “Guarany” na “Taça Mariana” contra o “1º de Maio”, às 16hs. Fomos até o local para fazer algumas imagens extras (possivelmente utilizadas na cobertura imagética de algum depoimento). Aproveitamos a oportunidade para conversarmos com algum atleta jovem, pois havíamos avaliado que, até aquele momento, nosso filme estava centrado, exclusivamente, na memória de pessoas mais

velhas. Toninho Rocha, presente na partida, compartilhou suas apostas no “camisa 10” do time, Raul: o presidente orgulhou-se da capacidade futebolística e do trabalho de inclusão social via esporte realizado pelo jogador com crianças e adolescentes. Raul estava se preparando para o jogo e dialogamos por alguns instantes: o tempo necessário para anotarmos seu telefone e agendarmos uma entrevista.

Ficamos apenas durante o primeiro tempo da partida e pudemos ver que Toninho tinha razão: Raul era um jogador de qualidade. Posteriormente averiguamos que Raul possuía um companheiro no trabalho com as categorias de base do “Guarany”, o jovem Werley (também integrante do time principal do clube). Num primeiro momento, Werley demonstrou desconfiança sobre o documentário, perguntando, mais de uma vez, do que se tratava o projeto e para onde era a entrevista.

A entrevista com Raul e Werley aconteceu no dia 7 de junho, no campo do “Guarany”. Raul e Werley possuem a mesma idade: 20 anos de idade. Raul é atleta federado e pode se profissionalizar, além de já ter tido passagem por diversas categorias de base no Brasil. O início da gravação foi um pouco difícil pelo fato deles estarem nervosos e ligeiramente desconfortáveis com a câmera; contudo, conforme foram contanto as histórias que viveram e relembrando os fatos engraçados de suas trajetórias, os jovens jogadores foram se soltando.

Durante a gravação tivemos que mudar o cenário devido à chuva que começou a cair, o que nos locomoveu para a tribuna do campo do “Guarany”. Assim que recomeçamos a gravação, a chuva parou...

Raul e Werley falaram bastante do trabalho que eles realizam com as categorias de base (iniciativa voltada para crianças de cinco a 10 anos e jovens de 11 até 17 anos de idade). Os jogadores contaram, orgulhosos, algumas histórias desses jovens, além de falarem sobre como eles veem o futebol na cidade de Mariana. Foi um bom bate-papo com dois amigos que se conhecem há tempos e que, mesmo jovens, mostraram forte envolvimento com o futebol local.



Imagem 8: Raul Patrik e Werley Calazans - Atletas do “Guarani”.

Dona Adair. Um dos nomes mais citados nas conversas que tínhamos sobre futebol de várzea em Mariana foi Paulo Munheca, dito como o melhor jogador da história da cidade. De tanto protagonismo, resolvemos dedicar boa parte do filme para falar deste ícone do futebol marianense. Durante as orientações, percebemos ter material de várias pessoas falando sobre Paulo, mas, em vista da ausência de sua fala em primeira pessoa – o jogador já é falecido – sentimos falta de um depoimento mais íntimo sobre o astro local. Perguntando aqui e acolá, descobrimos que Paulo Munheca havia deixado, entre filhos, uma viúva.

Seu Vicente e Dona Sônia confirmaram que a esposa de Paulo Munheca era viva, que se chamava Adair, e predispuseram a entrar em contato com ela para que nós pudéssemos encontrá-la. Com certa dificuldade, eles conseguiram falar com Dona Adair para avisá-la que nós iríamos procurá-la. Seu Vicente nos disse onde ela morava e no dia 9 de junho fomos até sua casa no bairro Chácara. Levamos conosco todo o equipamento de filmagem e fomos atendidos por uma moça que estava na casa e que nos disse que dona Adair estava muito ocupada e não nos poderia atender naquele dia. Combinamos então de voltar no sábado.

Dois dias depois retornamos ao bairro Chácara por volta das 14h, para, enfim, conhecer Dona Adair. Fomos muito bem recebidos por ela: uma senhora de 82 anos, de trajas simples, em meio a um sábado como qualquer outro, no qual acabara de preparar o almoço para sua filha e neta. Conversamos rapidamente sobre o nosso trabalho e nossa intenção de conhecer o lado mais pessoal de Paulo Munheca. A viúva aceitou prontamente a gravar a entrevista, que aconteceu ali mesmo, na sala da sua casa, um ambiente pequeno e acolhedor.

Esta entrevista foi um grande desafio para nós, pois em dados momentos, Dona Adair começou a se emocionar. Ficamos, por alguns instantes, sem reação; não sabíamos como lidar com uma entrevistada de idade mais avançada que se comovia a ponto de algumas

lágrimas surgirem em seu rosto. Demos um pequeno tempo de respiro e logo tratamos de desviar o assunto de um campo tão pessoal, para, propor um assunto mais amplo e simples, sobre como era a carreira de atleta de Paulo Munheca, com a proposta de retomar em seguida o andamento da entrevista, de uma maneira que não parecesse que estaríamos pressionando-a em um momento de intensa emoção. Foi uma estratégia que surtiu efeito, já que voltamos a falar sobre assuntos mais delicados como a doença e o falecimento do seu marido posteriormente, ao invés de correr o risco da Dona Adair se sentir incomodada a tal ponto de desistir do relato e além disso, talvez até mesmo de pedir que não usássemos o que já estaria filmado até então. Deixando claro que tudo isso foi pensado na hora, sem um mínimo de tempo de análise, pareceu uma estratégia bem razoável a se tomar.

A conversa correu muito bem. Dona Adair é uma senhora solícita e simpática. A viúva de Paulo Munheca nos mostrou alguns dos prêmios que levam o nome do marido, prêmios que são dados a atletas de destaque da cidade. No fim da entrevista, lidamos com um pequeno momento de tensão: por um tempo, Dona Adair ficou relutante com as imagens gravadas, por não estar bem vestida. Nós contamos com a ajuda de sua filha, que insistia em dizer que ela não deveria se preocupar com isso, afinal, trajava uma roupa casual, de quem estava em casa num sábado normal, à vontade. Outro ponto importante a ser considerado foi a receptividade da entrevistada, que insistiu para que almoçássemos em sua casa. Infelizmente, tivemos que recusar a gentil oferta (já tínhamos almoçado antes), mas, diante da insistência de Dona Adair, acabamos tomando um refrigerante e nos comprometendo com um retorno para um almoço ou café quando formos levar uma cópia do filme para ela.

Um dos problemas enfrentados durante a gravação foi a presença de ruídos que perfuravam a paisagem sonora do documentário. Em vários momentos, o cotidiano de um sábado qualquer perfurava a sonoridade do filme e das palavras da depoente, particularmente, os latidos agudos de um cachorro que insistia em concorrer com a voz de Dona Adair. Mesmo no processo de edição sonora do filme (com o auxílio do técnico Thiago Caldeira), não foi possível retirar os sons caninos da narrativa final do filme.



Imagem 9: Adair do Espírito Santo - Esposa de Paulo Munheca.

Décio. Após repetidas indicações de Luis Salles de que deveríamos entrevistar Décio Gabriel Soares, professor de educação física e ex-presidente da Liga Esportiva de Mariana, nos interessamos em saber quem era tal pessoa, que Luis tanto falava. No sorteio dos clubes que disputariam a Taça Mariana, Toninho Rocha, presidente do “Guarany”, brincou que na época da gestão de Décio “tinha até café pro pessoal”. A impressão geral que tínhamos de Décio, antes de conhecê-lo, era de alguém de personalidade forte, tido por muitos até como arrogante.

Foi inevitável naquela quinta, 9 de junho, irmos para um primeiro contato preparados para uma pessoa, digamos, um tanto quanto “arisca”, não levando nenhum equipamento de filmagem, apenas a intenção de marcar a entrevista. Por curiosidade, já vínhamos de uma decepcionante negativa de entrevista do Bira, cuja casa localizava-se na rua da Escola Dom Silvério, endereço profissional de Décio e local de realização da entrevista. O primeiro contato parecia confirmar as impressões. Quando colocamos nossa proposta, ele retrucou rapidamente: “Futebol?! Por que que é pra falar de futebol?!”. Mais tarde, menos resistente, revelou ainda certa mágoa da época em que foi presidente da liga; em seguida, de impulso, alegou-se disposto a ajudar no que fosse preciso no filme. Sempre de impulso. Começou a falar de vários assuntos na conversa, revelando-se bastante comunicativo e articulado. A entrevista ficou marcada para a segunda, dia 13 de junho.

Chegada segunda, retornamos à escola Dom Silvério para a entrevista. Fomos a sala dos professores para realizar a gravação. O local contava com certo fluxo de pessoas, mas, no geral, a filmagem foi tranquila. O microfone teve problemas de mal contato no cabo, mesmo tendo feitos testes no almoxarifado durante a retirada dos equipamentos, o que nos fez optar

pelo seu desligamento no decorrer da entrevista e utilizarmos apenas o microfone da própria filmadora. Essa decisão implicou numa notável diferença no áudio captado, mas, definitivamente, registrar sem o microfone tornou-se a melhor opção em vista da eliminação dos chiados causados pelo mau contato.

De opiniões contundentes, Décio falou sobre sua trajetória acadêmico-profissional, com destaque a sua gestão como presidente da “Lema” (1998 – 2005; 2009 – 2013). Relatou sua entrada na entidade, motivado a não perder o campo de atletismo da cidade, sua área profissional naquela época. Falou sobre suas características enquanto presidente, priorizando a gestão administrativa. Afirmou, sem titubear, que foi o maior presidente da história da liga, e apontou alguns de seus feitos: revitalização de estádios nos distritos e a criação do projeto de lei do repasse anual da prefeitura aos clubes amadores da cidade. Em um momento crucial da entrevista, foi indagado sobre a decadência dos times de futebol da sede de Mariana em comparação ao crescimento dos times de “distrito”. Até então, ouvimos histórias apenas que delatavam o fato com tristeza, relacionando isso ao fim do futebol na cidade. Décio, contudo, relacionou o desempenho positivo dos distritos ao espaço dado aos menos favorecidos nos últimos governos do país, e afirmou que essa é uma realidade que os clubes da cidade relutam em aceitar, e justamente por essa falta de adaptação, sofrem consequências dessa ascensão dos clubes distritais.

Décio relatou detalhes de seu trabalho como professor e dos projetos com as crianças da escola Dom Silvério, como, por exemplo, a transformação da rua em um espaço de exibição de diferentes modalidades olímpicas. Décio se mostra, assim, bastante atuante na área de esportes. Além disso, o professor dá andamento a uma pesquisa de mestrado sobre esportes e acessibilidade. Em relação especificamente ao futebol e a “Lema”, alegou extremo desgaste nos anos em que esteve à frente da instituição e que, por isso, prefere não tocar no assunto.



Imagem 10: Décio Gabriel - Ex-Presidente da Liga Esportiva de Mariana.

Mário Rocha foi outro nome que surgiu em algumas conversas. Décio foi o principal motivo de termos ido procurá-lo. Quando fizemos nossa primeira abordagem, Décio nos disse que se falássemos com Mário Rocha, nosso trabalho estaria completo. Ele então nos indicou onde Mário Rocha morava. Fomos até o local, que fica ao lado de uma loja de informática, no bairro Barro Preto, próximo à prefeitura. Ao conversar com o pessoal da loja, eles nos disseram que Mário trabalha como taxista no ponto ao lado da igreja da Sé. Na primeira vez que fomos até o ponto de taxi, ele não estava. Na outra semana, ao voltarmos de uma aula, passamos pelo ponto e resolvemos perguntar para um taxista se Mário Rocha encontra-se presente: diante da resposta foi positiva, pudemos conversar com ele em seu táxi. Neste dia, tivemos um contato breve, no qual marcamos uma entrevista para o dia seguinte, naquele mesmo ponto, às 8h da manhã. Nesta captação, contamos com uma filmadora Sony e o microfone *shotgun*, mas desta vez sem tripé, dada a dificuldade de acesso aos aparelhos da Universidade disponibilizados para empréstimo. Mário Rocha se atrasou, pois havia saído para fazer uma corrida. Após seu retorno, acompanhamos-lhe à sede do “Guarany”, que fica na mesma rua. Definimos a sala da direção como cenário da conversa, algo sugerido pelo próprio entrevistado por ser um local com menos interferência de sons externos.

Mário Rocha é um homem de boa fala. Eloquente, coeso e performático em seu modo de expressão, soube lapidar suas memórias em palavras bem escolhidas. Suas histórias eram contadas com detalhes e ritmo narrativo, o que prendia a atenção daqueles que as ouviam. Além disso, os gestos de Mário estavam em sintonia com seus dizeres, o que ajudava a configurar a imaginação da situação narrada com mais precisão. Foi uma das melhores

entrevistas, ainda que, como os demais, o taxista tenha se mostrado um pouco travado no início das gravações, permitindo-se relaxar à medida que as histórias ganhavam a vida de suas palavras.

Após a entrevista, encontramos Toninho Rocha entrando na sede e caminhando até a sua sala, Mário Rocha e ele contaram outras histórias, que acabaram não sendo registradas por não possuímos mais bateria na câmera. Fomos pegos de surpresa com a desenvoltura e a naturalidade da conversa entre os amigos. Curiosamente, quando saíamos da sede do “Guarany”, encontramos Décio do lado de fora: novamente um bate-papo bastante informal aconteceu e novas histórias apareceram – pena que impossíveis de serem registradas. Décio novamente enfatizou o fato de com a presença de Mário Rocha, nosso trabalho estava completo. Não diríamos tanto, mas, de fato, estávamos diante de um dos protagonistas da várzea.



Imagem 11: Mário Rocha - Ex-Volante do “Guarany”.

Antônio Pessôa. Entrevistar Antônio Pessôa foi algo especial. Não é todo dia que nos deparamos com um senhor de 98 anos de idade que torce para um time de várzea há 78 destes. No entanto, para conseguirmos essa entrevista, tivemos muitas dificuldades.

No mesmo 7 de maio, dia em que entrevistamos Zé Carlos, fomos ao jogo de *Masters* (Atletas com mais de 50 anos), entre “Guarany” e “União Passagense”, no campo do “Guarany”, próximo ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS – Ufop). Estávamos com a filmadora Sony e fizemos poucos registros, apenas do jogo em si e uma ou outra imagem extra, que pudesse compor o filme. Num dado momento, conversávamos com os jogadores reservas da equipe do “União”, quando o treinador da equipe nos convidou para

conhecemos a sede do clube que fica em Passagem de Mariana. Neste contexto, nos foi contada a história de um casal que torce para o União há 78 anos e que tinham por hábito ir a todos os jogos do clube. Ele não soube, contudo, dizer aonde os velinhos torcedores residiam. Para registro de informação, o “União Passagense” tem 91 anos, pouco mais novo que seus fãs.

Iniciamos nossa busca pelo “casal de velinhos”, apelido carinhosamente dado por nós durante as orientações. No dia 1 de junho, depois de termos feito outras entrevistas, fomos até Passagem de Mariana, e durante o trajeto de ônibus, perguntamos onde ficava o campo do “União”. Fomos até o local, que fica isolado do bairro num local mais afastado, e encontramos o Seu Juca, caseiro da equipe, que toma conta do campo e da sede do clube. Ele mostrou camisas, nos contou de suas atribuições no time, e durante a conversa, encontramos um quadro com a foto do casal de torcedores ilustres, chamados Antônio e Alaíde Pessôa. Seu Juca conheceu os dois, e nos contou que, infelizmente, a Alaíde havia falecido há cerca de dois anos; desde então, Antônio se distanciou do distrito e foi levado pela família para o Bairro Cabanas, onde reside atualmente. O único contato que Juca nos forneceu para tentar entrar em contato com Antônio Pessôa foi o telefone do presidente do “União Passagense”, Maurílio.



Imagem 12: Homenagem a Antônio e Alaíde Pessôa na sede do “União Passagense”.

No dia seguinte, começamos a tentar contato com Maurílio, sem sucesso. Assim que conseguimos estabelecer contato, Maurílio nos disse que não sabia onde Antônio morava e nem tinha seu telefone, mas que iria procurar. Foi-nos informado que, no dia 4, haveria um jogo entre “Guarany” e “União Passagense”, e seria uma boa oportunidade para tentarmos descobrir onde Antônio Pessôa morava. Munimo-nos de câmera e microfone e fomos para o campo do “União”, no sábado marcado. Chegamos cerca de uma hora antes do início da partida, conversamos novamente com seu Juca e ele nos apresentou o presidente Maurílio,

que só conhecíamos por telefone. Maurilio não tinha conseguido as informações sobre Antônio Pessôa, mas, conforme chegavam as pessoas para assistir ao jogo, ele as questionava para saber se alguém tinha alguma informação. Finalmente, descobrimos que Seu Antônio morava em algum local na Cartucha, dentro do bairro Cabanas: ainda assim, não fomos agraciados com um endereço exato, apenas uma indicação sobre como chegar ao possível local de nossa procura.

Tínhamos, no entanto, certo receio de ir diretamente à casa de Antônio Pessôa, pois seríamos dois estranhos chegando com uma abordagem de trabalho diretamente na residência de um senhor de 98 anos. Decidimos, assim, tentar mais uma vez o contato telefônico que seria uma forma mais branda tentar a entrevista. Durante nossas pesquisas por novos sujeitos e histórias da várzea, indagamos Décio sobre Antônio Pessôa: ele nos indicou que fossemos a loja “Matecon”, local de trabalho de Silvio, também funcionário do “União”. Silvio nos informou que achava que a filha de Antônio Pessôa trabalhava na prefeitura na área da educação. Fomos até a prefeitura e, lá, encaminhados à Secretaria da Educação. Chegando ao local indicado, recebemos a informação que a filha de Antônio trabalhava na Escola Dom Oscar, no bairro Cabanas. Após algumas tentativas, conseguimos falar com Mariléia, filha de Antônio Pessôa por telefone. Neste contato, conseguimos, finalmente o número da residência onde o senhor morava com sua outra filha, Maria.

Marcada a entrevista, tivemos, no dia de sua execução, outra série de dificuldade: primeiro, o ônibus – Cabanas via Cartucha – demorou mais de uma hora para passar, o que nos deixou atrasados e irritadiços. Em segundo lugar, ao chegarmos no bairro, tivemos dificuldade em encontrar a residência, pois nos havia sido dito que eles moravam em uma casa amarela, mas ao chegar na rua, não havia nenhuma casa que atendesse à descrição. Andamos por toda a rua, até resolvermos ligar para Maria, que nos disse que era a primeira casa da rua. Curiosamente nós havíamos passado por ela e nos indagado se não seria aquela – um imóvel recém-pintado numa tonalidade “salmão”.

Assim que entramos na residência, encontramos um “senhorzinho” sentado em uma poltrona, com um cobertor em seu colo e completamente agasalhado, em vista do frio que fazia naquele dia. Num primeiro momento, Antônio Pessôa nos falou que sentia triste em estar com problemas em sua audição, que ele ouvia com bastante dificuldade e que demoraria para assimilar o que lhe foi dito. Alegou, ainda, estar com a memória enfraquecida. Em todo o momento, nós tivemos total paciência e procuramos tranquilizá-lo em relação às filmagens, explicando a proposta do nosso trabalho e que ele teria total liberdade para falar tudo no tempo dele, sem pressa.



Imagem 13: Antônio Pessôa- Torcedor do “União Passagense” desde 1938.

Mesmo com alguma dificuldade na fala, Antônio Pessôa conseguiu contar histórias do futebol e de como ele e sua esposa, Alaíde Pessôa, acompanhavam e torciam pelo União. Num dado momento pós-entrevista, mesmo com dificuldade para andar – sempre empunhando sua bengala –, ele nos acompanhou até os fundos da casa, onde nos mostrou um mural com medalhas, placas e objetos que marcaram sua vida; frisou, contudo, que não aprovava o resultado final do mural, esteticamente falando: não lhe agradava ter seus objetos cimentados na parede, pois os preferia pendurados ou em suas respectivas caixinhas. Na parte da frente da casa, ele possui um mural fotográfico feito por amigos em homenagem aos seus 90 anos de idade.

Todo o processo que envolveu essa gravação foi registrado, desde a entrevista, passando pelos momentos nostálgicos em que ele falava no mural de fotografias e também do mural cimentado na parede.

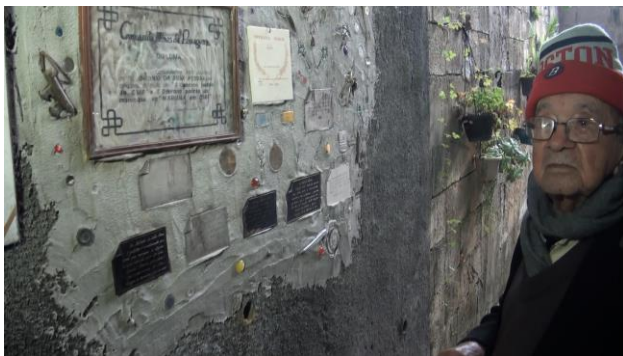


Imagem 14: Murais de lembranças de Antônio Pessôa.

Sobre **Bira**. Ubiraci Gomes foi o segundo jogador mais citado em nossas escutas sobre o futebol de várzea em Mariana. Para o Seu Vicente, foi o melhor que ele viu. Para Décio, que também viu Paulo Munheca jogar, foi o que mais próximo chegou ao ídolo de uma só mão. Todos tinham um pouco para falar de Bira, mas Décio foi quem mais relatou sobre esse emblemático personagem. Décio destaca a sua enorme inteligência dentro e fora dos campos. Conta que, em 1972, ele aplicou o teste *cooper*³ junto com Ubiraci. Ele lembra assombrado que foi Bira quem chegou com material e informações do teste em Mariana quatro anos depois do teste ter sido criado nos Estados Unidos, numa época de poucos recursos de conhecimento em cidades fora dos grandes centros.

Dentro de campo, Décio afirma que Bira tinha tamanha inteligência tática que poderia jogar em todas as posições de linha com igual performance. Com um preparo físico invejável, tinha tudo para ser um belíssimo jogador profissional. Mas, por motivos que ele preferiu não esclarecer, e respeitamos, ele relatou que Bira não se firmou na base do Atlético Mineiro, o que implicou no seu regresso a Mariana, a partir do qual declarou não querer mais saber de futebol. Hoje, Bira dá aulas particulares de disciplinas da área de exatas, além de trabalhar com eletricidade.

E sim, Bira não queria, nem quer, saber mais de futebol. Confirmamos isso com ele próprio quando o abordamos para marcar uma entrevista. Ele foi extremamente cordial e polido, mas firme: disse que falaria de qualquer assunto com a gente, sem nenhum problema,

³ Em 1968, Kenneth Cooper ao realizar testes de campo com militares da Força Aérea Americana descreveu um procedimento avaliativo para a estimativa do VO₂máx. Este consiste em uma modificação do teste de corrida de 15 minutos desenvolvido anteriormente por Balke, também com militares. O teste de Cooper de 12 minutos apresenta uma correlação moderadamente elevada com o VO₂máx, sendo bastante utilizado pela facilidade de administração, baixo custo e a possibilidade de várias pessoas serem avaliadas ao mesmo tempo. (American College Of Sports Medicine. Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição. 6° Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003).

menos de futebol. E ainda deu uma forte declaração: “se eu pudesse eliminar uma coisa da minha vida, seria o futebol”.

Ainda buscamos alternativas de nos aproximarmos do ex-jogador por meio de seus amigos, inclusive Mário Rocha e Décio, com quem tem bons relacionamentos, e Seu Vicente, que tem contato com seus familiares. Contudo, com a negativa de Décio – que afirmou ter conversado com Bira, sem êxito em mudá-lo de ideia –, concluímos que insistir na representação dessa memória não aprovada seria um desrespeito a sua liberdade e privacidade. Vale aqui a lembrança da relação que queríamos ter com nossos entrevistados, de respeito e compreensão. Seria contra o que prometemos desde o início do projeto explorar a privacidade de alguém apenas em vistas do filme que produziríamos, e não dos sujeitos que o fundamentam. Às vezes, paga-se um preço por posturas tomadas; neste caso, resolvemos arcar com o ônus dessa decisão em nome do comprometimento que estabelecemos com os sujeitos que filmamos. Não insistimos na entrevista de Bira, nem contamos sua história a partir do relato de terceiros. Não nos arrependemos.

Por fim, **Paulo Munheca**. Paulo do Espírito Santo, apelidado de Paulo Munheca, maior jogador do futebol de várzea da cidade entre os anos 50 e 70. Jogou apenas por dois times: o “Aluminas” e o “Guarany Futebol Clube”. Além de jogador, Paulo era pintor de casas residenciais. Foi casado com Adair da Paixão do Espírito Santo durante 12 anos, até ser vítima de um AVC, em 1978 aos 51 anos.

Quase todos os entrevistados com quem conversamos tinham alguma história para contar sobre Paulo Munheca, tanto de dentro do campo – suas jogadas, seu jeito de se comportar, sua ética futebolística –, como fora dele (pintor de casa, homem íntegro, honesto e trabalhador).

Paulo Munheca é bastante homenageado na cidade, possui uma quadra na galeria de honra na Liga Esportiva de Mariana, além do prêmio que leva seu nome, entregues anualmente para as personalidades do esporte em Mariana. Também foi agraciado com uma casa do “Guarany”, ainda enquanto jogador.

Juntamos cerca de 4GB de conteúdo com histórias e falas sobre quem foi Paulo Munheca. Desse resultado imprevisto, nos veio a dúvida de como trazer esse ícone da cidade ao nosso filme, uma vez que não teríamos seu depoimento direto. Decidimos, então, dedicar boa parte do filme (a segunda metade da montagem) para o resgate da memória deste jogador. Ao ídolo da várzea, dedicamos não apenas uma expressiva singularidade no

conjunto de memórias destacadas por nosso filme, como uma crônica que integra este memorial (capítulo 5).



Imagem 15: Dona Adair e foto do time do “Guarany”. Paulo Munheca primeiro em pé da esquerda para a direita.

3.2. Pós-Produção

Finalizadas as filmagens de entrevistas e das imagens de cobertura, somou-se um total de 41GB de vídeos brutos. Demos início, então, à decupagem, parte em que é necessário separar o “joio do trigo”; para tanto, teríamos que analisar o que realmente seria aproveitável na ilha de edição. Em vista desse objetivo, foi necessário um processo longo de decupagem utilizando a ferramenta *Adobe Premiere PRO CS5.5*, o que nos demandou um grande período de tempo e trabalho, uma vez que a aplicação se mostrava bastante lenta para o processo, sendo necessário utilizar mais de um computador por vez, com o intuito de otimizar o processo.

Desde o início tínhamos a proposta de trabalhar sem um roteiro definido e que todo o trabalho de organização seria feito diretamente na montagem do filme. Puccini (2007), no livro “Documentário e roteiro de cinema”, expõe o poder que o cineasta possui em relação à montagem do seu filme:

A etapa de montagem do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso. Mesmo no caso de não ser escrito no papel, o roteiro do filme virá impresso na maneira como este se apresenta ao espectador; será marcado pelas escolhas do documentarista que definem as imagens e os sons do documentário. (PUCCINI, 2007, p. 175).

Trabalhar sem um roteiro definido nos mostrou todo esse poder de montagem na ilha de edição. Tínhamos a nossa disposição mais de 6 horas de imagens brutas, entre

depoimentos e imagens de cobertura que nos permitiram um vasto leque de experimentação na hora de montar o filme. Verificar os melhores relatos, os que estão com melhor qualidade, o que é realmente necessário, tudo isso estava em nossas mãos, e fizeram com que nós ficássemos satisfeitos com o resultado final, pois foram nossas decisões que fizeram o filme ter o ritmo e sequência que desejávamos.

3.2.1. Decupagem

A decupagem foi o processo de triagem de todo o material bruto que havíamos gravado. Fizemos nossa análise/avaliação do bruto baseados na qualidade de som e imagem. Num primeiro momento, avaliamos que o som captado estava com boa qualidade, mas algumas das imagens estavam prejudicadas por movimentos de câmera equivocados, devido as diversas tentativas pela busca de enquadramentos que detalhassem alguma expressão facial ou algum gesto que complementassem a fala, o que casou a perda de algumas histórias, que mesmo possuindo a sonoridade adequada, estava com a imagem bastante prejudicada.

Uma dificuldade neste projeto foi a lentidão de trabalho do programa, que demorava bastante tempo para processar as informações. Conforme colocado, para contornar a situação foi necessária a utilização de mais de um computador para otimizar a decupagem.

As entrevistas foram, uma a uma, analisadas e cortadas. O material refinado era catalogado de acordo com a pessoa e com as histórias que estavam sendo contadas. Foram criadas novas pastas e todos os vídeos foram separados de acordo com os entrevistados. Posteriormente as imagens de cobertura, como os campos de futebol, as sedes dos clubes e imagens de recordação como álbuns, troféus, foram separados em uma pasta exclusiva para as imagens extras.

Ao final da decupagem, os 41GB de vídeos brutos, tornaram-se 35GB de imagens selecionadas. Esse número alto se deu pelo fato das imagens serem salvas numa resolução de alta qualidade, Full HD 1080p, que faz com que os vídeos tenham um tamanho grande. O próximo passo seria fazer a montagem do filme utilizando os 183 arquivos decupados.

3.2.2. Edição/Montagem

A montagem do filme foi algo bem difícil no processo de pós-produção, esse seria o momento em que iríamos dar a cara que queríamos para os muitos filmes que tínhamos em mãos. Antes mesmo de colocar novamente as imagens na ilha de edição, decidimos por brincar com as sonoridades e o imaginário das pessoas que fossem assistir ao filme.

Trouxemos uma ideia de simular todo o filme dentro de uma estética radiofônica, na qual a oralidade era a principal ferramenta de transmissão das histórias. Pensamos, assim, numa abertura com a utilização de um efeito sonoro no qual se reproduz a busca pela sintonização de uma estação de rádio. Ao encontrar certa frequência – uma memória – a busca se cessa e o teleouvinte pode escutar a memória ali implicada. Esse efeito, além de simular a busca pelas estações de rádio, pode, assim, remeter ao campo da memória, como uma forma da tentativa de se lembrar das histórias que estavam ocultas no fundo da mente, até ela se tornar clara e poder ser contada.

No início do filme são utilizadas duas vezes esse recurso seguido apenas da fala de algum sujeito, sem a presença da sua imagem, brincando com a sensibilidade e a imaginação do espectador. Nos momentos seguintes, o efeito de procura da estação aparece em transições de situações, saída de uma temática e entrada em outra, nexos sonoros que permitem certa unidade aos fragmentos que compõem a narrativa fílmica. Além do efeito de sintonia, outro efeito sonoro utilizado é o chiado, utilizado brevemente em algumas situações para demarcar trocas ou lapsos de falas, como um rádio antigo que, em alguns momentos, perde sua sintonia para, em instantes, recuperá-la.

Uma dificuldade que tivemos durante a montagem do filme foi o alinhamento das histórias. A ideia inicial foi separar por tópicos, então criamos duas novas pastas, uma com todo o conteúdo que fazia referência à Paulo Munheca e outra contendo as histórias do futebol.

Alinhamos primeiramente a parte sobre Paulo Munheca, colocamos todos os vídeos da ilha de edição e fomos lapidando de acordo com o que ouvíamos de cada relato. Decidimos separar o atleta da pessoa, falamos primeiro do ícone do futebol, seus feitos e jogadas, na sequência, implementamos uma abordagem mais pessoal, na qual exploramos os relatos de sua esposa, pessoa bastante íntima de Paulo Munheca fora de campo.

Terminada esta parte, organizamos todas as demais histórias, não apenas causas de futebol, mas também pequenos relatos de vida das pessoas entrevistadas. Ao todo o filme teve duração de 1h10min, somando ambas as partes. Foi um consenso de que deveríamos

diminuir o tempo do filme. Esta foi uma ingrata tarefa, já que tivemos que abdicar de várias histórias que gostamos. Por fim, conseguimos montar um filme com 28 minutos de duração, satisfatório em seus objetivos de contemplar histórias do futebol em Mariana e contar um pouco sobre um ícone futebolístico da cidade.

Para completar o filme, escolhemos algumas imagens de cobertura para dar uma leveza a sua narrativa. Juntamente com essas imagens escolhemos uma trilha sonora que remetesse à memória. Para isso iniciamos uma busca por diversos sites de música livre, até encontrarmos um som que fosse agradável. Ouvimos músicas bastante agitadas e outras muito calmas, até encontrarmos um meio termo no site “*bensound.com*” – uma canção que, não acidentalmente, chama-se “*Memories*”. Este site libera o compartilhamento de seus arquivos desde que citado seu nome. Desta forma, a referência aparece nos créditos finais do nosso filme.

3.2.3. Finalização

Após a montagem e edição de todo o filme faltavam apenas pequenos ajustes na sonoridade e na limpeza dos cortes. Para tal tarefa, pedimos auxílio ao técnico Thiago Caldeira. Ele nos auxiliou deixando o som mais equilibrado, sobretudo nas transições entre cenas.

Um dos nossos problemas quanto a captação foi alguns ruídos que perfuravam as falas dos entrevistados. Mesmo o áudio possuindo grande qualidade, é possível ouvir ruídos externos, como de carros na rua, pessoas falando e também cachorros latindo. De certa forma, isso está presente no conceito de Comolli (2008, p. 177) ao falar sobre o *risco do real*, era vista de sua preferência por projetos não direcionados: “Os roteiros de ficção são, frequentemente (cada vez mais), fóbicos: eles temem aquilo que lhes provoca fissuras, que os corta, os subverte. Eles afastam o acidental, o aleatório.”

Thiago nos avisou que não havia nada que pudesse ser feito, pois qualquer alteração iria prejudicar muito à captação, podendo deixar o áudio robotizado.

O filme “*Memórias da Várzea*” estava quase finalizado: faltava apenas ajustes em seu título e legendas. Como havíamos indicado que trabalharíamos com elementos radiofônicos, fizemos o título do filme também sofrer por uma espécie de interferência imagética. O conteúdo das letras do título está com um efeito de ruído, que permanece até a voz de abertura do filme surgir para estabilizá-la na frequência encontrada.

Com todos os ajustes, o filme, ao ser exportado em sua qualidade máxima, tem o tamanho de 1.23 GB e duração de 28 minutos e 38 segundos, que foi gravado em uma mídia de DVD's para ser entregue a banca. O filme também será entregue para as fontes que contribuíram. Além de um conteúdo extra contendo as entrevistas dos sujeitos falando sobre futebol, suas vivências e outros casos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado é a maior herança deste trabalho. O documentário “Memórias da várzea” nos trouxe uma série de desafios durante esses meses em que foi produzido. Entre esses desafios, destacamos, mais do que aqueles de natureza técnica, as dificuldades e as potências implicadas na dimensão humana de nossa proposta. O relacionamento com as pessoas, cada qual com sua particularidade, foi extremamente enriquecedor. O exercício do respeito - sobretudo o sacrifício consciente de abrir mão de alguns caminhos investigativos em prol desse respeito – é um aprendizado que com certeza levaremos na trajetória profissional a qual, agora, nos lançamos.

O filme nos proporcionou conhecer um lado diferente do futebol, saímos dos campos, do calor da partida, dos gols e passamos a apreciar a palavra, a memória contada com saudosismo. Memórias que, por muitas vezes, estavam quase esquecidas devido às rotinas maçantes da vida. Histórias que se perdem na correria do dia a dia, na distância das relações e que podem acabar não sendo contadas para ninguém. A nós, foi dada a oportunidade para que os sujeitos que participaram do filme pudessem ter voz sobre suas próprias vivências no futebol, tanto nos tempos antigos como nos dias de hoje. Nosso filme registra essas memórias para que o tempo acelerado de hoje, nem de amanhã, seja capaz de transformar esquecimento parte importante da história da cidade de Mariana.

No que diz respeito às dificuldades e aprendizados técnicos, colocamos em prática vários aspectos já trabalhados anteriormente no curso: apuração, entrevista, redação, filmagem, edição – competências já apreendidas em momentos anteriores do curso, novamente colocadas como objetos de aprendizagem. Em uma breve análise, não foi menor a proposta de aprendizagem, e não será (não deveria ser) diferente daqui pra frente. Em um período rico de experiências proporcionado pela faculdade, um debate que sempre ocorreu é até que ponto se pesa na balança o produtivismo em detrimento do aprendizado. E em nossa trajetória acadêmica sempre tivemos uma afinidade maior a questões práticas do jornalismo. O estilo de escrita mais leve, o gosto em realizar atividades práticas do curso, principalmente radiofônicas (sairemos do curso como apresentadores e coordenadores da web-rádio do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas) se tornaram indicadores de que caminho queremos seguir na nossa carreira, e evidências do quanto a experiência e o constante aprendizado podem fazer um profissional crescer nos seus atributos, ainda que sabendo das inevitáveis exigências do mercado de trabalho.

Em uma sociedade que costuma valorizar o tecnicismo e que adota critérios estritamente objetivos para avaliar um bom profissional, tivemos a oportunidade de estudar em um ambiente que oferece uma alternativa mais flexível ao processo, no qual valoriza-se mais do que o simples resultado. E, veja bem, tivemos dificuldades na produção deste produto como tivemos em atividades anteriores do curso, e como teremos no futuro. Faltou-nos certo tato no trato com as fontes – devidamente reconhecidos e apontados nesse memorial; enfrentamos, ainda, dificuldades de recursos (aparelhos de filmagem, particularmente) para execução de um filme que nos exigia estar em campo em muitas situações diferentes (temos consciência de que este problema possui natureza estrutural; trata-se de uma realidade já infelizmente naturalizada nas universidades federais); além disso, tivemos dificuldades na organização de nosso tempo, sobretudo no que se refere à conciliação do TCC com outros trabalhos e com rotina diária. No entanto, entregar essa parte escrita e ter em mãos o produto materializado no DVD é a prova de que, se o caminho foi tortuoso e imprevisível (sob o risco do real...), o resultado reflete o que será daqui para frente: apurações interrompidas, mudanças de rumo editorial, e o jornalista, no meio destes caminhos, lidando com suas reviravoltas, aprendendo com cada produto feito e com cada experiência; levando em conta, claro, que ser melhor profissional não é apenas produzir bons produtos, mas também, conseguir refletir sobre o produto feito, e utilizar esse auto aperfeiçoamento para se tornar também um ser humano melhor.

Foi um produto que não consideramos um trabalho (no sentido da obrigação). Tivemos prazer em conhecer as pessoas que participam do futebol marianense, não apenas os sujeitos participantes do filme, mas também acompanhar alguns jogos e até mesmo sermos convidados para o baile de aniversário de 91 anos do “Guarany”, relações que ultrapassam as formalidades acadêmicas e jornalísticas.

“Memórias da Várzea” é um documentário que conseguiu reunir o futebol – prática de que tanto gostamos – às lembranças que são guardadas com carinho e temos muito prazer em compartilhar com alguém; lembranças estas que reunimos num compilado de 28 minutos, tempo que consideramos ser adequado para contarmos o máximo de relatos, sem deixarmos o filme entediante. Mas, não podemos deixar de nos perguntar: qual o tempo da memória? Quantas coisas cabem nas palavras, quantas outras cabem justamente no gesto de buscá-las?

REFERÊNCIAS

American College Of Sports Medicine. **Diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua prescrição**. 6° Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Editora da Unicamp, 2011.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006, p. 44.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder**: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário. Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira, Rubem Caixeta. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, p. 174.

DaMATTA, Roberto e os outros. **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke ed., 1982, p. 15.

GOERG, Marcelo. **Futebol na várzea**: Uma investigação sobre os valores presentes no cotidiano da prática. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2010, p. 9; p. 69.

LINS, Consuelo. **Rua de Mão Dupla**: documentário e arte contemporânea. Transcinemas. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2009, p. 3.

MICHAELIS. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/varzea%20_1064165.html>
Acesso em: 11 fev. 2016.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus ed., 2005.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, São Paulo, v. 10, 10 dez. 1993.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA Inácio Crochemore da. **Notas etnográficas sobre o futebol de várzea**. Revista Movimento, Nº03, p. 155-179, Julho/Setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10499/10014>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

COUTINHO, Eduardo et al. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. E-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, São Paulo, v.15, 15 abr. 1997.

PUCCINI, Sérgio Jose. **DOCUMENTÁRIO E ROTEIRO DE CINEMA**: da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus ed., 2007, p. 85.

SP Esporte. **Futebol de várzea**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gP6kikM3xgE>> Acesso em: 10 fev. 2016

VALENTIN, Renato Beschizza; CAVICLIOLI, Fernando Renato. **Futebol, escape e mimesis**: um estudo sobre representações sociais. Revista Movimento (ESEF/UFRGS), v. 13, n. 3, p. 65-89, 2007.

VOGEL, Arno; **O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional**. In.: DaMATTa, Roberto e os outros. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke ed., 1982, p107-108.

APÊNDICES - Crônicas

Paulo Munheca

A bola está nos seus pés. A mesma bola que subiu aos céus como uma bala de chumbo, caiu como pluma em sua chuteira surrada. Olha para um lado, um companheiro corre pela ponta esquerda. Olha para o outro, o lateral direito se projeta ao ataque. Decide dar mais um passo. O companheiro da ponta esquerda faz o facão pelo meio da zaga e o lateral direito estanca. Ele já sabia que isso aconteceria. Faz o lançamento entre a zaga adversária...

Entre um lance e outro, flashes passando...

Com a mão direita procura pela irmã esquerda, não encontra. Apoia a mão no braço esquerdo, posa para a foto da equipe. Mais uma foto de tantas. Escuta as instruções do treinador, mesmo sabendo que tudo aquilo que era dito não era para ele. Era para os outros. Ele poderia fazer o que quisesse. Ele era o cara.

Ele sabia.

Ele não se importava.

Ele apenas jogava.

Pisa no gramado daquele campo que conhecia tão bem. Faz sua prece. O juiz apita.

Uma bomba explode fora de campo, solta por fiéis torcedores vestidos de verde. Verde da cor da grama... grama que conhecia tão bem... explode!

...Atônito, aquela criança ingênua não acredita no que vê. Com a explosão da bomba, vê sua mão separada do corpo. É socorrido, mas tarde demais, está aleijado de sua mão esquerda. Com o tempo o apelido pega, e agora Paulo do Espírito Santo também é conhecido como Paulo Munheca.

_ Paulo Munheca é craque! Joga demais! Tem que jogar no profissional!

Não consegue. Dizem que por ser aleijado. Talvez também por ser negro. Não eram tempos fáceis aqueles. Mas não parecia abalado. Aceitou sua sina, voltou para sua várzea, onde era rei. Rei negro, munheca...

_ Dá uma mão de tinta na minha casa, Paulo Munheca!

Sobe a escada de madeira, com uma mão. Pinta cuidadosamente cada trecho da parede enquanto se equilibra nas alturas, com uma mão. Sempre foi caprichoso, detalhista, um

artista. Faça chuva, faça sol. Naquele dia inclusive um baita sol. Passa o braço esquerdo sem mão pela testa para enxugar o suor...

_ Olha ali, rapaz! Paulo passou a munheca na testa, vai sair coisa boa!

Desce das alturas... hora de prestar atenção no jogo. O atacante oferece o pivô, o ponta de lança avança em direção ao gol. Resolve enganar o defensor colado ao matador da equipe e manda uma cavadinha para o ponta de lança. É ele e o goleiro...

É interrompido de suas lembranças por sua filha. Ela quer mostrar que está brincando com aquele brinquedo que ele comprou. Sorri. Sorri aquele sorriso de pai que se dedica aos filhos. Olha para a esposa. Olha para o relógio. Hora de dormir. Tem que acordar cedo pra missa, afinal de contas, o aclamado por todos como o melhor jogador que já surgiu em Mariana também era filho de Deus como qualquer um...

Todo mundo se admirava de sua humildade. Do seu bom senso. Seja fora ou dentro de campo...

_ E se eu faltar um dia? Quando que o rapaz vai ter chance pra jogar? Você não vai me tirar nunca, treinador. Então eu mesmo me tiro. Deixa o rapaz entrar.

_ Beleza, Paulo, como quiser.

E naquele dia o time voltou para o segundo tempo sem Paulo Munheca. A torcida estranhou. O que aconteceu? Ele já havia ido embora...

No caminho para casa lembra dessa e outras situações que já passou jogando bola. Era engraçado. A torcida fez festa quando ele voltou no próximo jogo. A torcida sempre fazia festa com o seu retorno, seja de outros times, seja de outras vezes em que dava chance para aquele rapazinho promissor que dava o azar de ser seu reserva...

A cabeça aquele dia tava doendo demais e por isso teve que se ausentar do treino. Voltaria no outro dia claro. Sempre voltava.

Só que a casa parecia mais longe a cada passo que dava. Tudo estava tão confuso...

Acorda e é o último a saber o que todos já sabiam...

Agora a passada é vacilante. Já era a quarta vez que aquilo acontecia. Derrame. Cada recomeço era mais desafiador. Lembra daquele adversário que não o deixava em paz em campo, que um dia jogou ele no gramado com tanta violência que ele afundou sua munheca na grama. Ouviu, caído, o treinador adversário gritar com seu próprio comandado:

_ FAZ ISSO COM QUALQUER UM, MENOS COM ELE! ELE É CRAQUE! CRAQUE A GENTE TEM QUE DEIXAR JOGAR!

Sorri.

Mas agora ele sabe que vai ter que superar sozinho seu mais novo e implacável adversário.

Levanta, mancando, e passa pelo primeiro... parecia mentira, parecia mesmo fruto da sua imaginação... veio o segundo e também ficou pelo caminho... a torcida inflama, os companheiros se multiplicam em sua volta, e os adversários somem como fumaça... na sua frente apenas o goleiro, vestido de preto, sombrio como a morte... será que finalmente faria um gol? Ele que sempre preferia a assistência? O goleiro se agiganta, e aquela imensidão preta vai tomando todo o seu campo de vista... uma vez mais vai ter que tirar um coelho da cartola... e como que no último lance de sua vida, acha um passe sob medida para o companheiro que corria feito bala ao seu lado, um único suspiro antes de se chocar com aquela escuridão mortalha...

Tentou ver o desfecho do lance...

Mas suas vistas escureceram de vez...

Uma vez mais ele tocou. Uma vez mais negou o gol. Uma vez mais ele tocou.

Futebol de várzea

A gente adora criar heróis.

A nossa vida é tão dura, o batente, o cotidiano, o leite das crianças, um dia após o outro.

Cada dia após o outro.

A gente precisa descansar.

A gente precisa ver aquele craque expulsar nossas angústias. Driblar nossas incertezas.

Chutar nossas mágoas. Gol!

Um lance após o outro.

Cada dia após o outro.

Dias passam. Anos passam.

Nossos filhos crescem. Tem filhos. Eles crescem.

E ainda querem jogar bola.

Podem querer ser Ronaldinho.

Pelé.

Um craque qualquer.

Mas querem jogar bola.

E você conta sobre aquele cara que foi o melhor de todos. Jogava muito.

A criança te olha com olhos brilhantes. Atenta.

Quer ser como ele.

E cada geração que passa a história é a mesma. Pode mudar o nome. A homenagem.

A criança quer ser como aquele craque que você descreveu.

Que jogava demais.

Que tinha calma pra definir as jogadas.

Que colocava aquele goleador na cara do gol.

Que tinha humildade pra não ser o cara. Não fazia questão de holofotes.

Você começa a pensar. Quis ser craque também.

Não teve condições. Era grosso.

Quis treinar.

Não teve condições. Não era vencedor. Não sabia vencer.

Assistia os jogos na TV.

Brincava na rua. Aprendeu as malandragens. Sabia que o futebol era como a vida.

Você jogou futebol. Você viveu.

E você sofreu em campo e fora dele.

Você começa a lembrar daquele dia em que você jogava. Era preto. Você só queria jogar. Cismaram com você. Acharam, que absurdo, que você estava pelado, mas você não estava. Seu calção preto foi confundido com sua pele, você foi vítima de racismo...

Você fazia gols. Errava. Você jogava muito um dia. Jogava mal pra cacete no outro. Dormia. Um dia após o outro. Trabalho.

Você ia vivendo a sua vida. Ia lembrando aqueles lances bonitos que você fez.

A criança não acredita no que você diz. Parece mentira. Aquele passe que você deu. Aquele chute.

Você as vezes era craque. As vezes só tava lá. Vendo aquele cidadão jogar.

E você começa a perceber que faz daquela pelada amadora que você jogava um reflexo da sua vida. Você era um baita meio-campo, mas ganha a vida tocando um bar.

Um senhor volante, mas que dirige um taxi.

Você era capitão do seu time, mas hoje obedece ordens de um superior.

Na realidade, você ama o futebol, mas não consegue viver dele.

Você o ama. Amador do futebol. Você torce.

Você é o futebol. Você respira futebol.

Um dia após o outro.

Você não imagina que isso um dia desperte a curiosidade de alguém. De repente vira tema de documentário. Trabalho acadêmico. As tuas distrações do passado servem de histórias para o TCC de alguém. Você colabora. Ou não. Depende do seu humor, do que aquele estudante pergunta. De como ele pergunta. Vale a pena dizer que aquele craque certinho não era tão certinho assim? Que aquela distração do futebol não era tão inocente assim? Que ali no campo tinha briga, rivalidade, desavenças, que tinha do bom e do pior que havia nas ruas e nas casas e nas vidas? Mas você só lembra de coisas boas.

Você saía do trabalho pra ver os jogos. Você ficava nos bancos e ganhava as batalhas. Você entrava em campo e resolvia as partidas. Aquele instrução. Aquele falta batida. Aquele passe milimétrico. Aquele confusão com a torcida adversária. Chuva. Briga. Dá-lhe guarda-chuvada!

Você acorda e você dorme. Você vive e você morre. Você ganha e você perde. Você vence. Suas angústias. Seus medos. Seu tédio de cidade do interior sem distração nos finais de semana. Sua vida é um jogo de futebol. Todos os dias.

Um dia após o outro. Um gol após o outro.

No fim das contas você confunde o futebol com sua vida. Cada conquista de sua jornada com um lance bem feito. Um sorriso, um passe perfeito. Uma lágrima, uma derrota. Mas que tudo se resolve na semana que vem. Na outra partida. Outra chance.

Um dia após o outro...